

A formação litúrgica compreendida como plasmação dos filhos de Deus

Marcos Vieira das Neves¹

Resumo: Francisco, retomando os fundamentos do Movimento Litúrgico que culminaram no Concílio Vaticano II, especialmente na Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, insiste na Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* que a principal formação do cristão não é para a Liturgia, mas aquela que acontece na Liturgia. Sem desconhecer a importância da formação para celebrar bem, o fundamental é a formação que cada crente recebe ao participar – ao estar – na Liturgia: “a plenitude da nossa formação é a conformação a Cristo” (DD 41). Intentaremos, em nosso trabalho, apresentar a formação litúrgica não apenas como conjunto de normas e regras, mas, a partir da realidade sacramental da Liturgia, como plasmação dos filhos de Deus. Para tal, lançaremos mão do realismo crítico de Xavier Zubiri, filósofo contemporâneo espanhol, especialmente das categorias relação e plasmação. Na Liturgia, o fiel é plasmado em Cristo, incorporado em seu Corpo; suas ações se tornam as ações dele mediante a relação ao fundamento da realidade segundo a relação filial do próprio Cristo-Filho. O batizado é plasmado na vida crística, aquele que participa da mesa do Senhor é incorporado pelo próprio pão-alimento no Corpo de Cristo.

Palavras-chave: Filiação. Formação. Liturgia. Plasmação.

INTRODUÇÃO

A partir do pensamento de Zubiri, José Millás afirma que as ações de Cristo incorporadas pelo Cristianismo são ações de caráter *signitivo*, “porque não só significam algo, mas produzem efetivamente aquilo que significam” (MILLÁS, 2001, p. 311). São ações da vida de Cristo, sobretudo de sua ação suprema, sua Paixão, sua Morte e sua Ressurreição, que são atualizadas na celebração dos Sacramentos, de modo que o homem em seu ser substantivo chega a ser plasmado por Cristo e pode, ele próprio, assumir as ações de Cristo (MILLÁS, 2001, p. 314).

Os discípulos de Jesus foram por ele plasmados e se tornaram cristãos, ou seja, em suas ações, especialmente em sua ação suprema, em sua Páscoa, Jesus deu de si mesmo de modo que os discípulos fossem nele incorporados. Assim, “os cristãos hoje fazem a outros cristãos” (RFPT, p. 304; PTH, p. 651. 712-713); nesse sentido, a Liturgia passa a ser entendida como *locus* primordial da plasmação do homem em Cristo. Partindo da realidade de Deus que dá de si mesmo ao homem na Liturgia, exploraremos as implicações da afirmação de sua realidade sacramental.

¹ Doutor em Teologia Cristã pela PUC-SP e membro do grupo de pesquisa “Teologia litúrgica e Inteligência senciente” da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – PUC-SP. E-mail: pemarkosneves@gmail.com

O grande agente da ação litúrgica é, na força do Espírito, o próprio Cristo; pretendemos iluminar a afirmação anterior desde o realismo zubiriano, sabendo que na Liturgia, de fato, acontece a plasmação do homem em Cristo, sua religação ao fundamento da realidade, conforme a religação de Cristo, e a incorporação do homem no único Corpo de Cristo que é a Igreja (PTH, p. 729).

Tal análise possibilitará sustentar o Mistério Pascal de Cristo como realidade viva no fiel e na Igreja. O homem é plasmado em Cristo na Liturgia, é incorporado em seu Corpo; suas ações se tornam as ações dele mediante a religação ao fundamento da realidade, a realidade divina, segundo a religação filial do próprio Cristo-Filho. Todo batizado é plasmado na vida crística, aquele que participa da mesa do Senhor é incorporado pelo próprio pão-alimento no Corpo de Cristo. Essa compreensão da Liturgia, como realidade sacramental, superará interpretações concipientes e iluministas da reforma Liturgia promovida pelo Concílio Vaticano II, que criaram – e ainda criam – enormes dificuldades para a assimilação da própria reforma.

Logo, insistimos em uma visão sacramental que une o que é sentido e o que é inteligido, ou seja, a noção de sacramento não fruto de uma teoria, mas brota da mera atualização daquilo mesmo que é sentido e inteligido. Se refletimos a Liturgia, como rito e celebração, sua realidade não é assegurada por uma ideia que possamos ter de si, mas pela mera atualização do Mistério Pascal de Cristo na celebração e nos ritos. A atualidade do Mistério é real para o fiel, porque também é atualizado a ele, sendo dei-formado, plasmado e incorporado em Cristo; o homem é feito cristão pela Liturgia.

1 A OBRA DE CRISTO: A PLASMAÇÃO DO HOMEM

A obra de Cristo, segundo Zubiri, é a transformação do homem. O homem é dei-forme por ter sido criado por Deus, mas, pela queda, sua ligação à realidade passou a ser condicionada pelo poder do pecado, o que dá a essa ligação um sentido aversivo ou privativo na relação com Deus. A obra de Cristo, portanto, está na plasmação² ou configuração da religação humana à realidade, fazendo com que seja uma religação filial semelhante à sua, cuja centralidade está no acatamento da vontade do Pai que se manifesta na realidade. Tal acatamento, porém, acontece em pleno respeito à liberdade do homem, como remarca o próprio Zubiri (MILLÁS, 2014, p. 251).

O filósofo sustenta que a plasmação ou configuração da religação é um acontecimento que se identifica com a fundação da religação (PTH, p. 723). É fundamental compreender

2 Assumindo a analogia com o ato criador do homem, fazemos a opção pelo substantivo “plasmação”, bem como do verbo “plasmar” e seus derivados: “Então o [Senhor] Deus [plasmou] o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7). Embora, “configuração” com Cristo e “ser configurado” a Cristo (Fl 2,5; Gl 3,27) sejam expressões mais recorrentes na Teologia cristã, que também usaremos ao longo do texto, optamos por “plasmação” e “plasmar” para ressaltar a nova criação (2Cor 5,17) em Cristo. Além disso, somos fiéis à reflexão de Zubiri que destacou que “o que Deus quis *primo et per se* é plasmar *ad extra* sua própria vida trinitária” (PTH, p. 508).

que a fundação da religião não é ereção de uma instituição, mas simplesmente a plasmação do homem. Assim, Cristo é fundador de uma religião que é o Cristianismo. Sendo a ação de transformar o homem, tal fundação configura a religião segundo a própria religião filial de Cristo. Por suas ações, a transformação do homem se torna realidade, o que nos coloca diante da pergunta pela permanência de suas ações na vida do seu Corpo, o que, consequentemente, nos conduzirá à questão sobre uma realidade sacramental.

Por outro lado, a fundação do Cristianismo não consiste na instituição de normas, ensinamentos e ritos que devem ser simplesmente transmitidos (MILLÁS, 2014, p. 252). É possível falar das ações de Cristo, depois da Páscoa, porque pela fundação do Cristianismo, sua obra, que consiste em “fazer cristãos”, permanece mediante a plasmação do ser do homem. Pela plasmação, os homens são formados no Corpo de Cristo (PTH, p. 731). A dinâmica própria de Corpo que é “fazer cristãos uns aos outros” permanece em seu Corpo (RFPT, p. 304; PTH, p. 651. 712-713).

Entretanto, essa dinâmica de plasmação, de configuração e de transformação só é realizada pela ação do próprio Cristo; somente pelas ações de Cristo acontece a unidade vital e histórica do Cristianismo ao longo do tempo. Assim como a permanência das ações de Cristo plasmou os primeiros cristãos, ela continua sendo necessária para a transmissão do “ser cristão” (PTH, p. 653).

O ser dos discípulos, os primeiros cristãos, foi constituído pelas ações da vida de Cristo, eles foram plasmados, configurados e formados em seu Corpo. Converter-se cristão é, precisamente, a transformação do homem, que tem a figura de seu “eu” pessoal e sua religião à realidade plasmadas conforme a figura e a religião de Cristo. Como homem, Cristo se realizou em sua religião à realidade; a religião foi para ele experiência, manifestação e mistério; foi experiência de religião filial própria do Filho encarnado, manifestação da vontade do Pai em meio às coisas e vivência pessoal do mistério de Deus. Sua religião foi resposta ao mistério da própria realidade que se fez atual em sua vida encarnada no mundo.

Ser configurado a Cristo é viver a religião à realidade como uma experiência filial (RFPT, p. 213-261), descobrindo a vontade do Pai manifestada nas coisas e reconhecendo o próprio Deus, revelado em Cristo, como a resposta ao mistério da realidade. Com os primeiros cristãos, isso aconteceu mediante a plasmação e a configuração, realizada pelo próprio Cristo; ele plasmou aqueles que o seguiam. O que aconteceu com eles foi uma transformação que consistiu em participar nas ações de Cristo, dando destaque, contudo, à participação em sua ação máxima: sua morte e sua ressurreição.

A transformação do homem por sua plasmação na morte e na ressurreição de Cristo acontece na Liturgia. Com isso, Zubiri pôde contestar a tradicional consideração de causalidade estreitamente ligada à compreensão dos Sacramentos. A Teologia clássica lançou mão do conceito de causa para explicar a eficácia dos Sacramentos como sinais sensíveis e eficazes e causa eficiente instrumental de graça.

As próprias ações de Cristo se atualizam na Liturgia; seu Mistério Pascal, de modo mediado, porém real, transforma o ser do homem que é configurado à sua figura. A permanência das ações de Cristo na celebração dos Sacramentos, na Liturgia, acontece mediante as ações de cristãos – “pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,20). O fiel é plasmado na morte e na ressurreição de Cristo e nele acontece uma transformação pessoal e profunda. No entanto, embora o poder de Deus seja primário e radical na permanência das ações de Cristo, não seria possível falar de um *operatum* sem a operação da parte daquele que a que recebe (PTH, p. 658).

2 A REALIDADE SACRAMENTAL DA LITURGIA

A religação do homem à realidade, segundo a religação de Cristo, o *dei-forma*. A *dei-formação* acontece sacramentalmente na Liturgia porque Deus se atualiza nela, dando de si próprio. Destacamos que a realidade sacramental não só está referida a outra realidade, ela própria é a realidade; logo, por sua sacramentalidade, a Liturgia não só está referida à realidade de Deus, Deus mesmo se faz presente na Liturgia. Essa realidade sacramental plasma o homem configurando seu ser, seu próprio eu à figura de Cristo.

A Liturgia capacita o homem para viver filialmente sua religação, em obediência à vontade do Pai que lhe é manifestada na própria Liturgia. Todo aquele que participa da Liturgia é *dei-formado* pela configuração a Cristo, é plasmado em uma forma crística, pelo dom de Deus, por sua doação e seu poder.

Embora seja mais comum aplicar esse esquema à celebração da Eucaristia, ele pode ser aplicado à celebração dos demais Sacramentos afirmando que, em cada um deles, acontece a atualidade da ação suprema de Cristo, de sua morte e sua ressurreição, e de uma ação específica própria de cada Sacramento. A atualidade da ação de Cristo na ação da Igreja implica a atualidade de seu poder plasmador do homem. Zubiri conceitualiza a eficácia sacramental a partir da dominância do poder de Deus, que configura o ser do homem, cristifica sua religação à realidade e, por isso, transforma inteiramente a vida de quem participa da Liturgia. Apenas recordamos que a religação à realidade não é mera passividade, mas adesão pessoal, certeza firme e opção livre (CESCON, 2007, p. 115); logo, a participação na Liturgia exige fé e conversão da parte do cristão.

Ao ser aplicada à Teologia da Liturgia, o conceito de atualidade, elaborado por Zubiri, ilumina também a Sacramentária do seguinte modo: na Liturgia, as ações de Cristo são atuais à Igreja, ao mesmo tempo, porém, a Igreja se atualiza a si mesma na Liturgia, ou seja, a Igreja se faz na Liturgia porque a Liturgia faz a Igreja. Aqui, podemos retomar o verbo plasmar, que temos usado: a Liturgia, por ser atualidade das ações de Cristo, plasma o Corpo, assim como os membros do Corpo. A Igreja e seus fiéis, naquilo que lhes é próprio, isto é, ser Corpo de Cristo, são plasmados por ele, na Liturgia.

2.1 INICIAÇÃO E PLENITUDE

Ao converter-se em membro do Corpo de Cristo, o homem tem sua vida transformada como um todo, ou seja, sua configuração como pessoa e sua realização no mundo; Cristo é atual à vida de seu Corpo, bem como à vida de todos os membros de seu Corpo. A partir disso, podemos avançar na pesquisa do autor, que analisa dois momentos: a iniciação e a plenitude da vida no Corpo de Cristo, que correspondem ao Batismo e à Eucaristia, respectivamente. Ele aprofundará nesses conceitos justamente para afirmar como iniciação e plenitude da vida no Corpo de Cristo acontecem na vida do homem e, por conseguinte, a plasmam.

O homem adquire um novo modo de vida porque está religado à realidade pelo poder do real e incorporado em Cristo pelo Sacramento do Batismo; ele vive na atualidade de Cristo em si próprio e em suas ações entre as coisas do mundo. Logo, podemos sustentar o pensamento de que o acontecimento da iniciação consiste na unidade de quatro momentos, cada um fundado no anterior: incorporação, perdão, graça e novo modo de vida. O Batismo é o início da união com Cristo pela permanência atual de sua vida no batizado. No entanto, trata-se somente do início orientado à plenitude, a qual consiste na pessoa real de Cristo, além da plasmação de sua vida completa no cristão. Por isso, o Batismo conduz, constitutivamente, à Eucaristia.

Conforme as palavras do próprio Zubiri,

o batismo é a permanência vital da morte e ressurreição de Cristo; [não há dúvida que] isso não é senão iniciação, porque essa permanência vital é a permanência da própria vida de Cristo. [Quando nos referimos] à própria vida de Cristo não é outra coisa que a construção de seu próprio ser, em tanto que este ser (o Eu) é teândrico. [E dessa forma,] atualizou nele sua realidade substantiva em tanto que possui a suidade do Filho, do Verbo. [Em efeito], se a vida inteira de Cristo se plasma na alma dos cristãos em virtude de um rito de iniciação [, podemos dizer que] de uma ou de outra forma, esta plasmação está conduzida a uma plenitude maior: em si mesmo, não a vida inteira de Cristo, mas sim sua pessoa real, de quem essa vida é vida. É justamente a eucaristia. (PTH, p. 669)³.

O que Zubiri aponta com suas reflexões é uma nova perspectiva para a concepção teológica da Eucaristia. Ele mantém com rigor o dado revelado e o dogma definido, no entanto, elabora uma nova forma de abordá-los. Como mencionamos anteriormente, mas é válido reforçar, a fundação do Cristianismo consistiu em fazer cristãos e fazê-los permanentemente, isto é, que os cristãos feitos por Cristo façam outros cristãos. Nesse fazer cristãos acontece a plasmação da vida, da morte e da ressurreição do próprio Cristo no homem.

3 Tradução nossa.

Novamente, o conceito fundamental de toda a reflexão zubiriana sobre o tema aparece: a doação. Precisamente por isso, a incorporação na vida de Cristo é tão especial.

Cristo dá de si como alimento espiritual na Eucaristia: é a doação de si mesmo; na Liturgia eucarística, ele dá de si como alimento no pão e no vinho consagrados. O cristão, na Eucaristia, é plasmado plenamente a Cristo; além de acolher o ato supremo de Cristo, como no Batismo, ele é plasmado conforme o “eu” do próprio Cristo. Por sua ação, o ato supremo de Cristo esteve presente como antecipação em sua última ceia com os discípulos. Permanece, entretanto, e se faz atual na Liturgia eucarística para comunicar o “eu” de Cristo ao homem, dando sua própria realidade no pão e no vinho.

Com isso, a Eucaristia não é só alimento que nutre a vida do cristão, que dela se alimenta, também passa a ser uma refeição fraterna que une aqueles que participam da Liturgia com Cristo e entre si. A Liturgia eucarística faz o cristão, plasma-o filho no Filho e irmão dos demais filhos; na Liturgia eucarística é realizada a incorporação formal de todos os que recebem o corpo e o sangue de Cristo em si mesmos, em seu próprio corpo.

Na linha da atualidade, Deus possui um estrito devir: ele é atual na Encarnação e no homem justo, por exemplo. É o próprio Deus em sua realidade divina que adquire uma atualidade, a atualidade humana, na encarnação do Verbo. Não é só a humanidade que adquire a atualidade no Verbo encarnado (que é Cristo), mas é o Verbo que se fez carne (Jo 1,14), é ele quem adquire atualidade. Ao mesmo tempo, Deus se faz atual, adquire atualidade, plasma sua própria atualidade no homem justo e deixa de ser atual no homem injusto (PTH, p. 802).

Afirmar a realidade sacramental da Liturgia à luz do realismo zubiriano significa o que acabamos de apresentar ou, em outras palavras, a atualidade de Cristo em todos aqueles que se atualizam na Liturgia – que nela estão – formando um só corpo, plasmando-se ao corpo e recebendo no corpo a vida de Deus mesmo que, em Cristo, dá de si ao se atualizar no corpo, mesmo que seja ulterior a ele.

3 O DAR DE SI DE CRISTO NA LITURGIA

Em primeiro lugar, é importante ressaltar o que a conceituação de Zubiri sobre o “dar de si” contribui para a questão da Criação. Para ele, a Criação é justamente pelo “dar de si” da própria vida trinitária de Deus (PTH, p. 531). Temos aqui uma nuance admirável no conceito de “dar de si”, que chama a atenção em todas as aplicações e todas as definições: trata-se da categoria dom. A criação para Zubiri é um “dar de si”, porém um “dar de si” como doação de Deus (PTH, p. 496). Nas palavras do autor:

[...] Naturalmente, até aqui a criação tem sido justamente um *dar de si* da própria vida trinitária de Deus. {É doação liberal como plasmação dessa vida. É *deificar*.} O dom pode ser ainda muito maior. Pode ser um dom da própria realidade de Deus. {É doação não de sua vida, mas de “si” mesmo. Já não é deificação, mas Deus mesmo.}

Neste caso, o fim deste dom seria uma *identidade* entre as procissões trinitárias e a procissão iniciante. Esta identidade é justamente a pessoa de Cristo. {Cristo é “a” imagem de Deus por ser sua “Sabedoria” encarnada.} (PTH, 531).⁴

O mais radical do Cristianismo não é uma historicidade sem mais; o mais radical é que a historicidade é algo muito mais profundo: é o “dar de si” de Deus. Zubiri afirma que “este dar de si real e formalmente consiste em *dei-formar* aquilo que cria e aquilo no que se vai realizar. Por isso, por cima e por baixo da história está precisamente a *dei-formação* pessoal de cada um dos homens”⁵ (PTH, p. 783). Esse “dar de si” de Deus é dom da realidade mesma, própria, de Deus.

A experiência de Deus se converte na experiência de “minha” própria liberdade. Assim, a experiência radical de Deus é a experiência de ser livre na realidade. Ser livre, é a forma finita, concreta de “ser Deus”. Entendamos bem, o homem é livre “na” realidade enquanto tal e, por ser livre justamente daquela condição em virtude da qual ele é ele mesmo, pertence ao seu próprio “eu” e não a outra realidade. Exercendo livremente a vontade de verdade, o homem se religa a Deus, sendo plasmado por ele e configurado a ele em realidade absoluta (HD2, p. 547).

[...] a meu modo de ver, a raiz do meu ser relativamente absoluto e é onde está, por conseguinte, a experiência radical de Deus. A experiência radical de Deus é a experiência de ser livre “na” realidade. Ser livre é a modo finito, concreto, de ser Deus: ser livre animalmente. A experiência desta liberdade, animalmente experienciada, é justamente a experiência de Deus (HD2, p. 548).⁶

Embora não tenha aprofundado e deixado o tema para os teólogos e pesquisadores do dogma, é preciso, ao menos, citar a questão da graça em Zubiri. Para ele, por mais que ser livre seja viver a dimensão do próprio “eu” em religação com Deus, a graça é a própria projeção da vida trinitária na plasmação humana. Ainda que o homem não saiba, ele tem a experiência da graça; ninguém existe isento da presença de Deus, nem um homem sequer, em toda a humanidade (HD2, p. 549).

A pessoa humana, por outro lado, se assenta em Deus na Liturgia e, mesmo sendo relativamente absoluta, pela Liturgia terrestre entende, de modo humano, Deus que é absolutamente absoluto. Assim, o fiel tem acesso a Deus e apropria-se de si mesmo e do próprio “eu” de Deus. O homem, em vontade de verdade, entrega-se a Deus e é por ele plasmado, *dei-formado*, incorporando-se, por livre escolha filial, ao Corpo de Cristo. Descobrendo o seu ser formal e constituinte, o homem faz a experiência de Deus, logo, na Liturgia e em seu

4 Tradução nossa.

5 Tradução nossa.

6 Tradução nossa.

prolongamento na vida, o homem é pessoa humana ao ser experiência de Deus (HD2, p. 543-565).

Por conseguinte, é possível caracterizar, à luz do pensamento zubiriano, a Liturgia como religação, como entrega a Deus em vontade de verdade e experiência de Deus, que dá de si. A Liturgia plasma o homem a Deus, dá à forma humana a forma divina, porque Deus dá, em Cristo, de seu próprio “eu” na Liturgia. O homem que busca a Deus, em vontade de verdade, constitui-se a si mesmo, pela doação de Deus, sua imagem e semelhança. Na liturgia, o homem, pela fé, torna-se um com Deus. Essa unidade acontece não porque o homem deixa de ser o que é ou porque saia do mundo, mas justamente porque no mundo, como Cristo, adquire a relação filial com o Pai.

Deus é acessível e acessado precisamente pelo ato de amor de Cristo. O homem acessa a Deus por sua incorporação a Cristo, por fazer-se filho como ele. Cristo fez de seus discípulos cristãos, isto é, plasmou neles sua religação ao Pai; os discípulos fizeram cristãos a outros. Como já explicitamos, esse processo de fazer cristãos uns aos outros tem a Liturgia como lugar privilegiado; nela seres humanos são feitos cristãos, nela seres humanos são incorporados a Cristo, a seu Corpo.

A Liturgia, portanto, é experiência de Deus, é a religação suprema, à qual todas as demais experiências de religação são orientadas, é realidade sacramental por excelência. Nela o homem, em Deus, descobre sua realidade pessoal, viva e única que se doa a Deus e à realidade. Por isso, não a Liturgia jamais é individual, ela é comunitária, social e histórica (SC 01). Na Liturgia, o cristão experiencia o ato de entrega (*fides qua*), pelo qual Deus o plasma, o dei-forma e o eleva a ele.

Outras formas de religação são possíveis e verdadeiras, desde que, de uma forma ou de outra, estejam orientadas à Liturgia. Nela, o fiel é plasmado a Cristo e incorporado em seu Corpo, não porque possua uma custódia extrínseca, mas porque se constitui pela presença de Cristo em seu Corpo místico. Precisamente nisso consiste a realidade sacramental da Liturgia, isto é, possuir o que lhe é ulterior, a própria relação com o Deus uno e trino na relação filial de Cristo.

Para Zubiri, a realidade sacramental é a atualização das ações da vida pessoal de Cristo. Ações essas que culminam na ação única de sua morte e sua ressurreição. Por meio da Liturgia, Cristo plasma a realidade vital pessoal do homem segundo suas próprias ações. Assim, Cristo faz do homem um discípulo, um cristão, um outro Cristo. A realidade do Batismo é a iniciação dessa plasmação sacramental da vida inteira de Cristo no homem. A Eucaristia, por sua vez, é a plenitude dessa plasmação.

CONCLUSÃO

Pela leitura atenta dos textos de Zubiri, encontramos caminhos para superar alguns retrocessos na compreensão da Liturgia. A verdadeira pesquisa da experiência filial no Corpo

místico de Cristo, ou seja, a experiência viva do Corpo, nos possibilita ampliar a compreensão da presença do Mistério na realidade sacramental da Liturgia. Com isso, nos aprofundamos no Mistério do dar de si de Deus na Liturgia que nos permite sustentar que nela somos plasmados a Cristo e formamos seu o Corpo.

A Liturgia fundamenta toda a experiência cristã (FRANCISCO, 2021), porque é realidade sacramental (SC 07). Essa realidade sacramental faz dela um acontecimento, um evento, que é presença e encontro, mais ainda, é deificação e dei-formação (PTH, p. 502); é encontro com Cristo presente pela ação do Espírito Santo em sinais sacramentais. Tornamo-nos filhos no Filho, somos plasmados por ele e a ele; somos seu Corpo pela participação com ele e por ele dos Mistérios divinos. Um cristão, até mesmo um Cristianismo sem Liturgia, pode apresentar-se como tal, mas será um cristão e um Cristianismo sem Cristo (FRANCISCO, 2021). Ousamos, porém, ir além: um cristão sem Liturgia não é plasmado a Cristo e, portanto, não é dei-formado.

A sacramentalidade da Liturgia permite sustentar a plasmação do homem a Cristo, sua configuração nele e permite aos cristãos “fazerem cristãos uns aos outros”, sendo membros do Corpo de Cristo (PTH, p. 653; MILLÁS, 2014, p. 252). A Liturgia vivida pelo cristão faz sua a vida de Cristo; por sua presença, que transcende o rito e a oração, Cristo se faz presente na vida de cada fiel. Contudo, não podemos nos esquecer que ele é sempre o protagonista, Cristo interpela os cristãos, mas eles, por sua vez, respondem a essa interpelação com a participação e não como meros espectadores (FRANCISCO, 2021). Pela participação, aquilo que se apresenta como externo passa a fazer parte da vida do cristão, como na Eucaristia, em que o gesto de comer faz do pão-alimento externo parte do corpo e da vida do fiel.

Além disso, a Liturgia como atualização de Cristo, mediante gestos e palavras sob a luz do Espírito Santo, já era assim compreendida pelos primeiros cristãos, como bem recorda Francisco. Eles, por sua vez, alcançaram a graça de transformar, em Cristo, suas próprias vidas em sacrifício espiritual a Deus. Com isso, podemos afirmar que toda a vida do fiel, por sua incorporação ao Corpo de Cristo, por sua plasmação a ele, tem a vocação de ser culto a Deus (FRANCISCO, 2021).

A realidade da Liturgia não é uma ideia: Cristo está nela e nela se atualiza a seu Corpo plasmando-o a ele. Por isso, ela é uma realidade sacramental; Cristo está, pela Liturgia, presente em seu Corpo e em cada um de seus membros. Além de incorporação, podemos chamar de comunhão o que acontece com o fiel que participa da Liturgia; seu corpo, unido ao Corpo de Cristo e ao corpo dos demais fiéis, é a atualidade da realidade do próprio Cristo no *hodie* da história. Por ter sido plasmado a Cristo, o cristão torna-se um novo Cristo (Gl, 2,20; PTH, p. 813).

Se a Ressurreição na celebração da Liturgia fosse para o cristão só um conceito, só uma ideia, só um pensamento, mesmo lembrada com a autoridade dos apóstolos, seria só uma recordação sem a novidade do Verbo feito carne. A Liturgia é a possibilidade dada a cada um de nós do verdadeiro encontro com Cristo; pela Encarnação, a Trindade nos abriu a via da

comunhão (DD 10); pela Liturgia, a Encarnação e a Páscoa não são acontecimentos passados, mas realidades presentes. Porque se faz presente na Liturgia, o Deus Trindade nos dei-forma, Cristo plasma na pessoa humana a presença da Trindade; pela sua força plasmadora, o Mistério Pascal, ação suprema da vida encarnada do Verbo, é atualizado em nós e somos postos sob o poder de Deus, religados internamente pela graça a incorporados ao próprio Deus uno e trino (PTH, p. 647-648).

Ao mesmo tempo, é certo que nossa comunhão com o corpo e com o sangue de Cristo já foi por ele desejada em sua Última Ceia. Bem por isso, a Igreja sempre guardou como o seu tesouro mais precioso o mandato do Senhor: “Fazei isto em memória de mim” (1Cor 11,25; DD 8). De seu mandato brota a origem e o fundamento da unidade de seu Corpo, na qual uns cristãos façam outros cristãos; isso também é o princípio da sacramentalidade da Liturgia. Em primeiro lugar, como já refletimos anteriormente, trata-se de uma ação do Deus uno e trino, que pela graça salvadora de Cristo plasma a pessoa humana dei-formando-a; em segundo, o que Cristo faz permanece, por seu mandato, na Igreja. A sacramentalidade da Liturgia brota de seu mandato, de atualizar suas ações (PTH, p. 717).

REFERÊNCIAS:

CESCON, E. A “Trilogia teologal” de Xavier Zubiri: contribuições e problemas abertos. *The Xavier Zubiri Review*, Washington, DC, vol. 9: p. 111-130, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia. (SC). Roma: 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 11 out. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Carta apostólica Desiderio Desideravi*. (DD). Roma: 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/20220629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html. Acesso em: 11 out. 2023.

_____. *Audiência geral – 03 de fevereiro de 2021*. Roma: 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco_20210203_udienza-generale.html. Acesso em: 11 out. 2023.

MILLÁS, J. Zubiri y los sacramentos. *Gregorianum*, Roma, n. 82, 2, p. 299-323. 2001.

_____. *Cristianismo y realidad*. La credibilidad de Cristo en J. Monserrat y la novedad teológica de X. Zubiri. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2014.

ZUBIRI, X. *El Hombre y Dios*. (HD2). 2. ed. (1ª reimp., 2017). Madrid: Alianza/ Fundación Xavier Zubiri. 2012b.

_____. *El Problema Teologal del Hombre: Dios, Religión, Cristianismo*. (PTH). 1. ed. Madrid: Alianza/ Fundación Xavier Zubiri. 2015a.

_____. *Reflexiones Filosóficas Sobre Algunos Problemas de Teología*. (RFPT). 1. ed. Madrid: Alianza/ Fundación Xavier Zubiri. 2019.